



(info)

[Pires dixit] "Canção Que Já Não Há Pachorra [...] 'Gaivota', de Amália, pelos Amália Hoje, que tornaram uma canção sentida num fogo-de-artifício"

O jornalista que amava tudo

O jornalista António Pires reuniu em livro as entradas do seu blogue. O resultado é uma mini-enciclopédia de world music com muita paixão.

ANTÓNIO PIRES RAÍZES E ANTENAS Media XXI 290 PÁGS €21,92



A DIFICULDADE que o país tem em lidar com a cultura popular – *et pour cause*, em brincar consigo mesmo – fica expressa no tremendo défice de literatura musical ou cinematográfica que as prateleiras das nossas livrarias ostentam. Não há biografias dos grandes atores e realizadores, das grandes bandas, nada. Portanto, muito menos se pode esperar que exista um qualquer aparentado de ensaio sem laivos académicos, mais ainda se o negócio for música. E se for música do mundo então é para esquecer. Por isso é bem saudável este *Raízes e Antenas*, do jornalista António Pires (ex-BLITZ, atualmente crítico na Time Out Lisboa e cronista no jornal i), que serve de guia de introdução ao universo da world music, um termo que desagrade por revelar um anglo-centrismo de uma arrogância sem fim. Mais que ensaio, aqui encontramos uma espécie de dicionário «world», como o provam as entradas por ordem alfabética. Os textos foram, quase todos, retirados das notas que Pires escreveu no seu blogue

(homónimo ao livro) e revelam, antes de mais, conhecimento e paixão pela música, dados fundamentais quando se trata de divulgação. Exceto um ou outro gosto vincadamente pessoal, não há lugar a divisões: tudo é passível de entrar aqui, desde os projetos mais puristas aos que juntam a tradição com o moderno, desde instrumentos desaparecidos a pessoas desaparecidas (como, imagine-se só, Abraão). É um instrumento de divulgação mas também uma completa ferramenta de trabalho (apesar de não ter veleidades a descrever o Todo, tarefa impossível). Como quase sempre entre os amantes da «world» há um senão: quase tudo é bom e é visto como último resquício de uma cultura pura ou como recuperação dessa cultura, como se o facto de um objeto ser menos plástico atribuísse a esse objeto uma qualidade moral. Ideologicamente, não me é difícil simpatizar com a ideia, como observador não me é difícil notar o erro lógico aqui e ali. Mas entre a paixão assolapada e a frigeidez valha a primeira e Pires é primeiro um poeta e só depois um analista. Melhor assim. 🗣️



MICHAEL FABER
O EVANGELHO DE FOGO
Teorema
150 pags, €13,90

NÃO É escassa a quantidade de literatura que re-escreve ou reinventa Evangelhos. De Norman Mailer – que não fez por menos e escreveu *O Evangelho Segundo o Filho*, por sinal um dos seus piores livros – a José Saramago muitos sentiram esse apelo de desmistificar o que não é passível de ser

desmistificado senão pela ciência ou de atacar pela raiz uma religião organizada que já nada tem a ver com o que eventualmente tenha acontecido no seu início. Neste *O Evangelho do Fogo*, como em tantas outras obras, imagina-se um quinto Evangelho, desta feita escrito por Malco, um homem a quem Pedro (o apóstolo que renuncia três vezes a Cristo) tinha cortado uma orelha. Um investigador encontra o Evangelho, publica-o e este vende bem, o que leva a sucessão de cataclismos. É uma espécie de gozo à vaga atual de best-sellers com descodificações religiosas ou gnosiológicas e nisto os livros são como o futebol: a tática pode ser boa, mas se a concretização falha o jogo está perdido. E aqui houve uma boa ideia atirada ao lixo.



JOÃO PEDRO BANDEIRA
BÍBLIA DOS ANOS 80
Prime Books
220 pags, €13,50

NEM toda a literatura tem de ser séria, nem toda a literatura que não é séria é descartável. Ou mesmo sendo-o, tal não invalida que não cumpra uma função. Há mesmo uma subclasse de amantes de livros que se compraz com literatura menor, de suposta divulgação ou mundanidades aparentemente inúteis.

É o caso desta *Bíblia dos Anos 80*. Espécie de enciclopédia aleatória da década que tentou tornar o rosa-choque chique e o vulgar em arte, o livro collige todo o tipo de informação ao jeito dos almanaques de antigamente. De Júlio Isidro ao verdadeiro nome de Elton John, de Topo Gigio a Ciccolina, do número de espetadores que *O Lugar do Morto* conseguiu em sala de cinema, passando pelo Naranjito, é imensa a quantidade de informação inútil sobre a época que glorificou como nenhuma outra a inutilidade. Como livro trata-se de uma curiosidade benévola – acrescente-se que após ler isto fica-se com a impressão que os anos 80 com as suas iogurteiras e comércio exacerbado não parecem hoje o pináculo do sonho capitalista, antes uma espécie de anos 50 revestidos de uma falsa moral libertária.

DADOS & FACTOS

Há um novo portal dedicado à literatura (e também à música): chama-se **Ave Rara** e pode ser encontrado em www.ave-rara.pt.

Os amantes de jornais têm agora muito com que se entreter: em news.google.com/newspapers há milhares de exemplares de jornais, desde o século XVIII.

A ESPREITAR

ENRIQUE VILA-MATAS
DUBLINESCA
Teorema

SAMANTA SCHWEBLIN
PÁSSAROS NA BOCA
Cavalo de Ferro

* **Jornalista.** Escreve todas as sextas-feiras no suplemento Ipsilon do jornal Público.